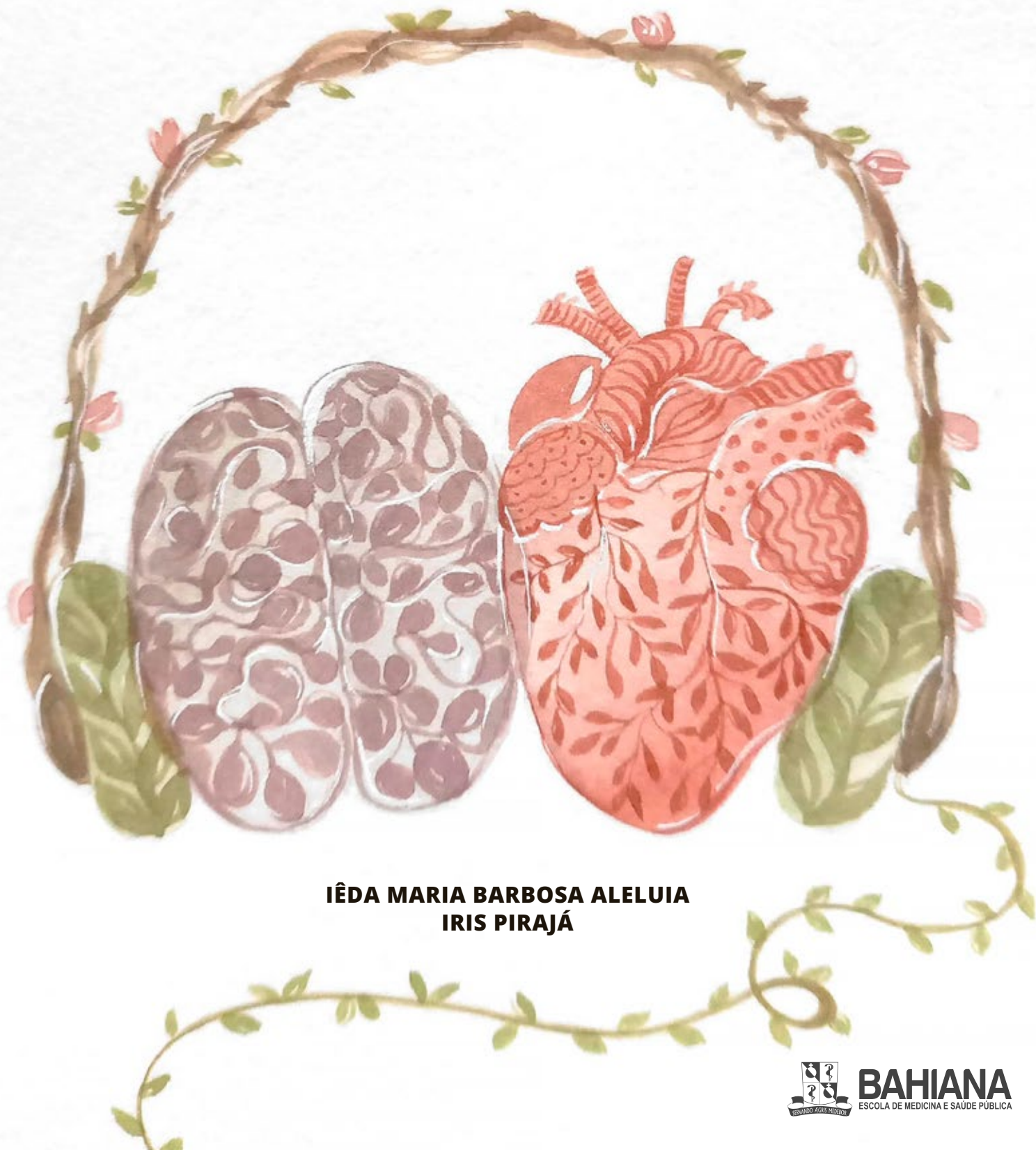


# MEDICINA E ARTE:

CONEXÃO E TRANSFORMAÇÃO



**IÊDA MARIA BARBOSA ALELUIA**  
**IRIS PIRAJÁ**



**BAHIANA**  
ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A366 Aleluia, Iêda Maria Barbosa

Medicina e Arte: conexão e transformação. [Recurso eletrônico]/ Iêda Maria Barbosa Aleluia; Íris Pirajá. Salvador: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, 2022. 36p.:il. color.

Bibliografia

Modo de acesso: <https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/>

1. Medicina 2. Arte 3. Conexão 4. Transformação 5. Imagem I. Título

CDU: 616:7

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas

E-book criado a partir da experiência das autoras durante o componente curricular

Medicina e Arte do curso de Medicina.

# SOBRE AS AUTORAS

**Iêda Maria Barbosa** Aleluia é médica pneumologista, psicoterapeuta de formação junguiana, docente da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, professora adjunta, coordenadora do 3º ano do curso de Medicina e há 20 anos nos brinda com sua competência na arte de educar. Como docente e coordenadora de Semiologia, vem traçando uma trajetória marcante em busca de qualificar o ensino do exame clínico numa perspectiva de valorização das subjetividades, essenciais à arte de cuidar. Com criatividade à “flor da pele”, incansável em unir sensibilidade à técnica, abraça mais recentemente o componente “Medicina e Arte: conexão e transformação” com alunos do internato e nos presenteia com esta bela produção em parceria com Prof.<sup>a</sup> Íris Pirajá.



**Iris Pirajá** é arquiteta, arteterapeuta de formação junguiana e ilustradora. É docente da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública há três anos, vinculada aos componentes curriculares Saúde Mental e Autocuidado no 1º semestre do curso de Medicina – módulos de Desenho e Pintura, Medicina e arte: conexão e transformação no internato. Autora de inúmeras produções artísticas e, para além de seu talento especial em descortinar habilidades ocultas entre estudantes e professores, vem tecendo parte de sua história na Bahiana neste projeto de inclusão das artes na formação do profissional da saúde.

# AGRADECIMENTOS

Para que esse e-book nascesse foram necessárias várias mãos. Agradecemos à reitora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Dra. Maria Luisa Soliani, por ter sido a pessoa que deu corpo a uma ideia: inserir a arte na formação médica.

Agradecemos à coordenação do curso de Medicina pelo suporte de sempre. Obrigada Prof. Humberto de Castro Lima Filho e Prof.<sup>a</sup> Ana Verônica Mascarenhas.

Agradecemos aos alunos que se entregaram a essa experiência e compartilharam conosco sentimentos, imagens, escritos, medos, alegrias...enfim, que escolheram caminhar conosco e aceitaram expor seus trabalhos.

A todos os setores da Bahiana que ajudaram na criação deste e-book. Sem eles nada seria possível.

# PREFÁCIO

Inserir a ciência das humanidades nos cursos de saúde é uma necessidade inquestionável. Nos dias de hoje, quase ninguém mais duvida de sua importância, diante das inúmeras evidências da falta que fazem na formação de profissionais da área, conhecimentos e experiências para entender os homens em toda a sua complexidade. Sem essa abertura de horizontes é impossível compreender o processo de saúde/doença e o risco de ver o adoecer somente como uma questão biológica tem consequências muito graves para os pacientes, as comunidades e para os próprios estudantes e profissionais de saúde.

Um pouco de filosofia, sociologia, antropologia, psicologia, política, economia, comunicação e artes, todos os tipos de arte, podem evitar a queda numa objetividade redutora do humano e abrir perspectivas para que o subjetivo tenha seu lugar revalorizado. De modo especial, quando se fala de formação, o resgate do lugar da subjetividade da pessoa em formação, do olhar para o sujeito que está em processo de desenvolvimento de um papel profissional em sua totalidade, isto é, levando em conta suas idiossincrasias, suas dificuldades, suas dores, alegrias e tristezas, algumas inevitáveis, precisa ser encarado como tarefa das instituições formadoras.

Há mais de 20 anos a Bahiana vem fomentando e implementando essas ideias. A criação do NAPP (Núcleo de Atenção Psicopedagógica) e do

NUSP (Núcleo de Supervisão Acadêmico-Pedagógica) trouxe a questão da subjetividade para o centro do processo formativo já no início dos anos 2000, assim como o trabalho de desenvolvimento docente, consolidado pelo NIDD (Núcleo Institucional de Desenvolvimento Docente). A disciplina Psicologia Médica inaugurou, naquela época, um trabalho mais subjetivo com os alunos que ingressavam no curso de Medicina, levando-os a refletir sobre porque eles escolhiam ser médicos. A saúde mental tomou corpo a partir desse momento. Os professores também foram incentivados a repensar sobre seu papel e várias atividades formativas foram realizadas.

Desde o início das reformas curriculares dos anos 2000 em nossa escola, a utilização de recursos que só a arte poderia trazer era uma opção muito clara para mobilizar e motivar os docentes na direção das mudanças necessárias, auxiliando-os no refazimento de suas concepções de ensino-aprendizagem, de seu modo de ser professor. Já no I Fórum Pedagógico, cujo tema era “Reflexões sobre a formação no Ensino Superior”, realizado em outubro de 2001, levamos os professores à Sala do Coro, do Teatro Castro Alves, para assistirem à peça “Umbiguidades”, resultado do Mestrado em Artes Cênicas da UFBA da atriz Iami Rebouças e, a partir daí, realizamos as discussões sobre as dificuldades que enfrentávamos, as alegrias que vivíamos e a necessidade de repensar nosso trabalho docente.

Desde então, em todos os fóruns pedagógicos, tornados anuais a partir de 2005, (estamos na XVIII edição neste ano), o teatro, a música, a poesia, a literatura e a dança foram instrumentos de abertura para o novo. Em 2016, na atividade final do fórum daquele ano, chamado “Na Batida de seu Coração” com a participação do Balé Teatro Castro Alves (um dos nossos parceiros institucionais), fizemos um compromisso público, com os professores presentes de que iríamos utilizar as mais

diversas formas de arte nas nossas aulas, não como um acréscimo eventual, mas como parte do planejamento dos componentes curriculares.

Nas recepções aos calouros, nas mostras científicas e culturais e, até mesmo nos processos seletivos formativos, as artes tornaram-se presença constante, motivadoras e portadoras de possibilidades de ensino-aprendizagem.

Temas difíceis como racismo, homofobia e transfobia foram discutidos de forma profunda com alunos, professores e colaboradores, levando vários espetáculos de teatro e dança para dentro da escola, incluídos no planejamento de componentes curriculares diversos.

Há três anos, em 2019.2, depois de uma experiência exitosa com a inserção de um módulo de autocuidado no componente Semiologia Mental, no 5º semestre do curso de Medicina, em 2019.1, no qual introduzimos a meditação como prática de autoconhecimento, criamos o componente Saúde Mental e Autocuidado, no 1º semestre, composto pelos módulos de Música, Desenho, Literatura e Meditação. Foi uma ousadia que deu certo. Atualmente, o eixo Saúde Mental e Autocuidado estende-se pelo 1º, 5º, 6º e 7º semestres, o que demonstra a aceitação por parte do alunado, tanto que o curso de Odontologia também resolveu ofertar a seus alunos do 2º semestre o componente Desenho Criativo e Música a partir de 2019.2.

Aí chegou a pandemia. Entre dezenas de outros desafios, com ela também cresceram as necessidades e oportunidades de inserção de novos componentes que permitissem aos internos de Medicina

vivenciarem práticas diversas, mas que fossem complementares às abordagens técnicas habituais desse período. No meio deles nasceu Medicina e Arte.

Assim, em 2020.1, as professoras lêda Maria Barbosa Aleluia, médica pneumologista com formação em psicologia junguiana, docente de Semiologia Médica há muitos anos na Bahiana e Iris Barreto Pirajá, arquiteta e urbanista, arteterapeuta e ilustradora, docente do módulo de Desenho, juntaram-se para encarar, corajosamente, a provocação de trazer estudantes de Medicina em seu último semestre do curso para vivenciarem momentos de ludicidade, criatividade e reflexões com vistas a lhes proporcionar um maior autoconhecimento, uma escuta atenta de si e do outro, além de reflexões sobre o fazer médico e o ser médico por meio do desenho, da pintura e das narrativas, abrindo portais para uma vida mais saudável e atitudes empáticas na lida com o sofrimento humano.

Este e-book é fruto dessa experiência criativa e reflexiva. O livro é belo e delicado, ilustrado por desenhos que encantam e textos que emocionam. Mas vai mais longe. Lêda e Íris, além de nos inspirarem a passear pelo universo criativo da arte, expresso em formas, cores e letras, também nos trazem referências teóricas sobre as quais suas ações se embasam e nos contam como estruturaram as aulas, podendo, portanto, servir de guia para aqueles professores que quiserem se aventurar por essa estrada.

Plenas de encantamento e na certeza de que esta leitura conduzirá a universos talvez desconhecidos, mas igualmente mágicos, convidamos os leitores a mergulhar nessa fonte, aqui e agora, e perceber a riqueza



de possibilidades das expressões simbólicas que emergem das profundezas ou mesmo das superfícies da alma humana.

**Prof.<sup>a</sup> Ana Verônica Mascarenhas**

Vice-Coordenadora do curso de Medicina da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Luisa Carvalho Soliani**

Reitora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

**Salvador, 27 de julho de 2022.**

# SUMÁRIO

<b>01</b>	INTRODUÇÃO.....	<b>11</b>
<b>02</b>	AS IMAGENS SURGEM.....	<b>13</b>
<b>03</b>	QUANDO AS PALAVRAS ENCONTRAM AS IMAGENS.....	<b>24</b>
<b>04</b>	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	<b>35</b>
<b>05</b>	REFERÊNCIAS.....	<b>37</b>



# 01

*INTRODUÇÃO*

# 01

## INTRODUÇÃO

Com a pandemia da Covid-19 e diante das necessidades de cuidado com os discentes no internato foi criado, em 2020.1, um módulo optativo no 12º semestre de Medicina e Arte, que incluía a prática do desenho. Esperamos levar vocês conosco, leitores, nessa viagem e também que possamos realmente trazer transformação e conexão para cada um.

Tentaremos mostrar como as aulas/atividades foram estruturadas e quais foram os referenciais teóricos que nos embasaram. Além disso, a produção dos estudantes permeará toda a leitura como a premissa de que sensibilidade e alma andam de mãos dadas. É só deixar espaço para que essas produções se expressem livremente.



**02**

**AS IMAGENS  
SURGEM**

# 02

## AS IMAGENS SURGEM

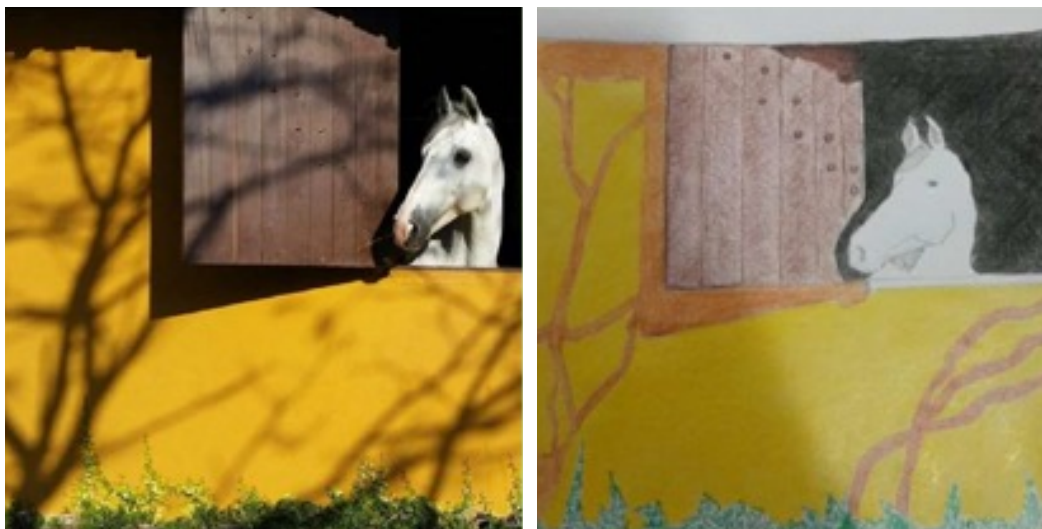
A disciplina optativa “Medicina e Arte – conexão e transformação” nasceu do desejo de fazer da arte um instrumento de reflexão, expressão e transformação dos alunos do curso de Medicina da EBMSP. Num mundo repleto de contradições que mostram não apenas as diferenças socioeconômicas, mas também a singularidade de cada indivíduo, a expressão artística é um caminho pujante no desafio de humanizar o exercício da Medicina a partir do sujeito, do pensamento e de ações coletivas.

A arte nos leva a rever o olhar sobre nós mesmos, a enxergar novos pontos de vista sobre uma situação vivenciada e, no contexto da Medicina, fomentar o olhar para a saúde sem, contudo, descuidar da função do sintoma que nos alerta sobre algo que não está indo bem. O contato com a arte nos sensibiliza e como recurso de autoconhecimento e escuta interna traz esperança e equilíbrio ao ser humano. A arte é por si só uma atividade terapêutica pela descarga das tensões e pelo consequente sentimento de bem-estar que o fazer artístico propicia<sup>1</sup>. Segundo Philippini (2018, p. 16),

*no processo arteterapêutico, a compreensão dos múltiplos significados contidos nos símbolos advém do trabalho criativo, plástico e expressivo que deve, sempre que possível, preceder a abordagem verbal aos mesmos. A produção imagética é consequência de processos primários de elaboração psíquica, tendo assim, na maioria das vezes, a possibilidade de não passar pelo crivo da consciência e do controle egoico. Posteriormente, ao ser confrontada através de sua materialidade, poderá começar gradualmente a oferecer alguns, dentre seus múltiplos significados à consciência. O leque representado por esta multiplicidade de informações é aberto pela transposição de linguagens plásticas e expressivas, em abordagem genericamente denominada:*  
**AMPLIFICAÇÃO SIMBÓLICA.**

Introduzida em 2020.2, a disciplina Medicina e Arte convidou os alunos para experimentação e utilização da representação simbólica por meio do desenho e da pintura como um recurso de autoconhecimento, escuta e expansão do olhar cuidadoso para si e para o outro, um caminho que possibilitou o acesso à criatividade por meio das linhas, formas, cores e texturas, trazendo a esperança, a alegria e a força para a construção de uma jornada pessoal e profissional mais consciente e leve.

O projeto foi desenvolvido inicialmente em sete encontros telepresenciais nos quais os alunos aprenderam não apenas técnicas de desenho e pintura, mas também a observação de si mesmos e a utilização desse recurso para expansão do olhar para a realidade. Nas primeiras aulas, eles aprenderam a desenhar a partir da observação das formas, atentos à proporção e conexão entre os elementos da imagem, e desenvolveram a desconstrução dos padrões estéticos a partir da dinâmica do rosto ilustrado, intervindo de forma artística na produção e sempre atentos aos sentimentos e às emoções que emergiram durante o processo.



Arte de João Matheus Silva Franca - Imagem de referência: @renault\_a



Arte de Marcela Barroso Lopes  
Imagem de referência: @rotblaugelb



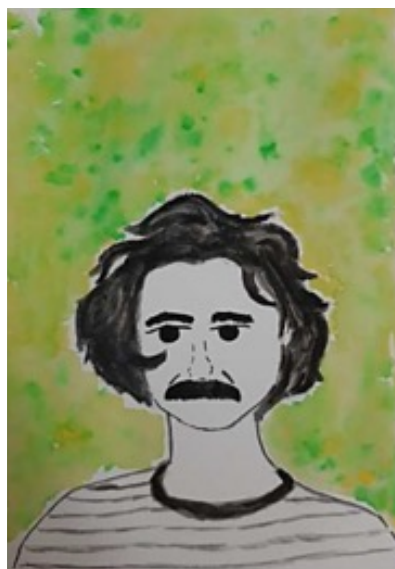
Arte de Bruno Robert  
Vasconcelos Oliveira



Em outro momento, por meio da técnica da aquarela, os alunos exercitaram o “descontrole”, despindo-se da rigidez em prol da fluidez dos pensamentos e das ações, fortalecendo o contato com a intuição, a sensação e a percepção por meio da expressão artística. A pintura possibilitou-lhes o transbordamento e o abrir mão do controle, deixando-os conduzirem-se pelo prazer da experiência e das descobertas, a partir das cores e dos movimentos da água no papel.



Artes de Rujane Mota Alves



Arte de João Matheus Silva  
Franca



Arte de Bruno Robert  
Vasconcelos Oliveira

Esse convite de abrir mão do controle auxilia não só a liberação e o fluir do processo criativo, permitindo ultrapassar o medo de perder o controle, como também a descoberta de que o inusitado e a beleza podem conviver dentro da materialidade criada pela junção da água com o pigmento. Há vida própria, um fluxo, uma interação e um movimento, e podemos aprender com isso (PHILIPPINI, 2018).

A visão da anatomia humana com o olhar mais sensível, cuidadoso e lúdico foi experienciada por meio das atividades “Corpo e Arte” e “Corpo em Movimento” a partir da representação do corpo humano nas suas mais diferentes proporções e formas e da riqueza da anatomia humana em sua funcionalidade e beleza, na representação da existência humana.



Arte de João Matheus Silva  
Franca



Arte de Lucas Cadete Caldeira Costa

Diante do feedback positivo da disciplina que foi considerada pelos alunos como fundamental, principalmente para o bem-estar emocional, ao longo do semestre, Medicina e Arte foi novamente oferecida no currículo em 2021.1 como matéria optativa, possibilitando que outros alunos pudessem vivenciar a Medicina e a arte com sensibilidade e criatividade, respeitando a própria identidade e a subjetividade.

Novas dinâmicas foram inseridas na disciplina, com o intuito de aprofundar o olhar humano para a Medicina, por meio do recurso artístico, e contribuir ainda mais para o desenvolvimento do psicoemocional e da sensibilidade dos alunos na prática profissional. Nessa nova fase, foram realizados dez encontros telepresenciais, nos quais os alunos aprenderam sobre a relação entre as cores e as emoções, além do uso da aquarela livre para a conexão com os sentimentos e com a intuição.



Arte de Marcela Barroso Lopes



Arte de Vanessa Ramos  
de Oliveira



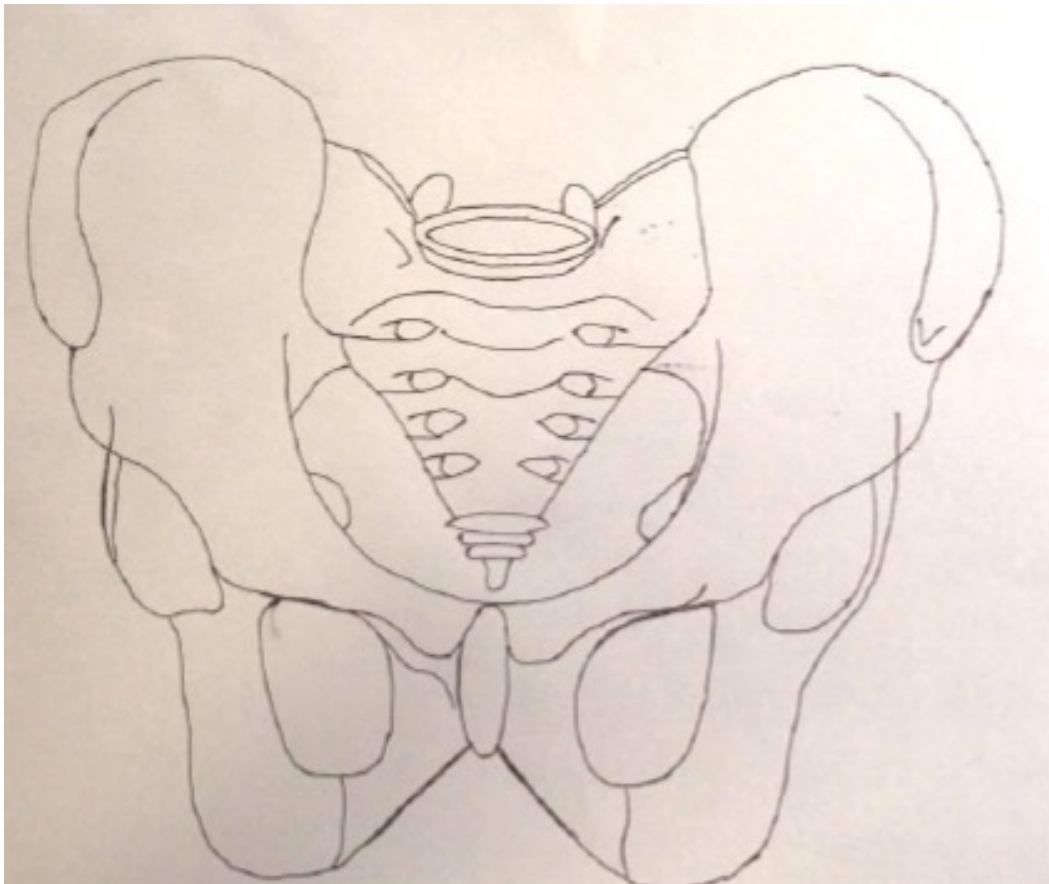
Arte de Mariana Costa Bastos

As atividades que utilizaram técnicas como o “storyboard”, representação gráfica de uma história, possibilitaram aos alunos a representação dos seus sonhos e de memórias afetivas, o aprendizado sobre a dualidade e, ao mesmo tempo, integralidade da luz e da sombra a partir da prática do desenho e de suas representações simbólicas.

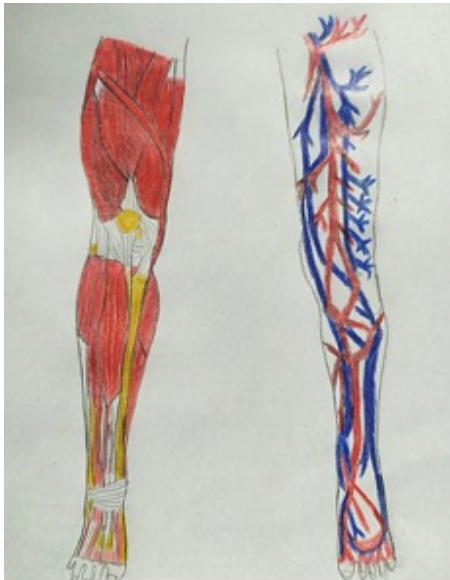


Arte de Alana Oliveira Santos

Reconhecendo a Medicina como uma prática que envolve uma equipe multidisciplinar, os alunos desenvolveram uma anatomia humana “ilustrada”, na qual cada participante interveio artisticamente num órgão, desenvolvendo o próprio potencial criativo e reforçando a importância da autorresponsabilidade, entrega e confiança em um trabalho de equipe. O resultado foi bastante enriquecedor, pois se observou não apenas a anatomia, ilustrada de forma lúdica e expansiva, mas um símbolo harmônico e inspirador, no qual as emoções e os sentimentos de cada participante foram elaborados e representados nos traços, nas cores e nas formas.



Arte de Bruno Vilas  
Boas Fahels



Arte de Marcela  
Barroso Lopes



Arte de Vanessa Ramos de  
Oliveira



Assim, sendo a arte uma expressão do interior do homem, do seu modo de ser e sua visão do mundo, não cabe uma análise “estética” do conteúdo produzido, ainda que possa ser reconhecida como “arte” pelas pessoas. O mais importante é que a atividade expressiva se torne instrumento para reflexão, autoconhecimento e ressignificação do sujeito em sua relação consigo e com o mundo. Cada indivíduo tem o seu mundo particular: suas experiências, traumas, dificuldades, valores e maneiras de olhar as diversas situações nas quais ele se encontra, e a disciplina Medicina e Arte é uma possibilidade de os alunos percorrerem esse caminho estruturante, sensibilizador e importante na prática da Medicina Humanizada.

An abstract painting with a textured surface. The composition is dominated by warm orange and yellow tones on the left side, transitioning into cooler blue and green tones on the right. The brushstrokes are visible and expressive, creating a sense of movement and depth. A large, bold white number '03' is centered over the painting. Below the number, a thin vertical white line extends downwards.

# 03

**QUANDO AS  
PALAVRAS  
ENCONTRAM AS  
IMAGENS**



# 03

## QUANDO AS PALAVRAS ENCONTRAM AS IMAGENS

Em 2021.2, fizemos uma proposta de mudança no componente. Até então, as imagens induziam a reflexão dos estudantes: imagens trazidas pela docente como propostas e estímulo para a produção individual de cada participante. Mas também havia o espaço para a criação própria, baseado na vivência de cada um, na sua própria história e como isso tudo gerava reflexão sobre os desafios, limites e emoções desencadeadas.

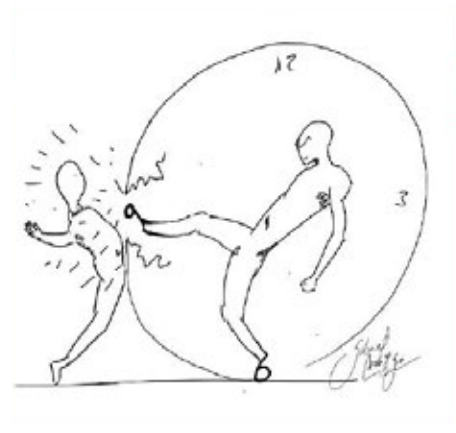
A alma deve ser imaginada, não definida, nos diz James Hillman (1985 apud ATHIÉ, 2006, p. 26; apud ZANONI, 2011, p. 488). Essa afirmação está também presente em Bachelard, na obra “Poética do Devaneio”, quando ele nos diz que “todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético” (2018, p.6). E um devaneio não é contado, mas deve ser escrito, revivido com emoção, trazido então para o concreto, criando um mundo de possibilidades.



Arte de Rafaela Oliveira Serra do Coni



Arte e escritos de Ailane dos Santos Rocha



Arte de Gabriel de Araújo Grisi

Então, com esse suporte teórico, fizemos a inclusão da literatura no componente, na tentativa de ampliar a reflexão do estudante e mesclar as duas linguagens. Olhando agora, na escrita deste manuscrito, o nosso devaneio criou um espaço novo. Um espaço para a emoção, para a expressão, para a estética do cuidado<sup>6</sup>, baseado na metáfora, no “como se”. Utilizamos, para isso, alguns contos e a técnica da narrativa, focando nos princípios da Medicina Narrativa de Rita Charon (2006, 2017): atenção, representação e vinculação. Essa é uma abordagem de ligação de pontas entre o técnico e o humanístico, uma vez que a Medicina não se faz adequadamente sem essa união (BOONE, 2022; SOLOMON, 2016).

Na Medicina, a linguagem é fundamental: escrita, falada, corporal (SOLOMON, 2016). Tantas linguagens, tantas possibilidades! Ao trazermos as artes (desenho e literatura), abrimos um novo espaço de expressão, um lugar de devaneio, de uso de metáforas, para falarmos do que acontece conosco e com o paciente. Saímos de um processo calcado apenas no cognitivo para adentrar no terreno da subjetividade..., usando as palavras de Hillman (1985), no território da alma. E esse território é vasto!

Outro autor que nos sustenta é Paul Ricouer (apud, SALLES, 2009, p.7), quando ele nos diz que “a ficção é um elemento essencial para nossa autocompreensão”. São necessários os signos, a cultura e a arte para a nossa transformação, para a construção de uma identidade narrativa.

Diante disso, organizamos o componente em oito semanas, tendo 90 minutos cada encontro síncrono. Além disso, incluímos um momento assíncrono aos estudantes para leituras e complementação das atividades iniciadas na aula, de cerca de 90 minutos também, durante a semana. Nesse momento, a professora de Medicina que acompanhava as aulas dos semestres anteriores passou a fazer parte efetivamente das atividades, tanto na sua concepção quanto na sua realização.

Ao abordarmos o “Desenho por observação de formas”, os alunos eram expostos a uma galeria de imagens (humanos, animais, paisagens) e deveriam escolher apenas uma para representar pictoricamente. Técnicas básicas de desenho eram oferecidas pela professora de desenho, a fim de deixá-los mais confortáveis com o processo. Os estudantes tinham de 10 a 15 minutos para fazer a sua gravura. Em seguida, pedíamos que eles escrevessem sobre o processo de escolha da imagem e do desenho em 55 palavras (DESHPANDE, 2021): quais sentimentos, motivações e lembranças possíveis tinham sido evocados durante o ato de desenhar. Esse foi o exercício da narrativa pelo qual abordamos as bases da Medicina Narrativa nesse momento.



Arte de Gabriel de Araújo Grisi  
Imagem de referência: @your\_best\_birds



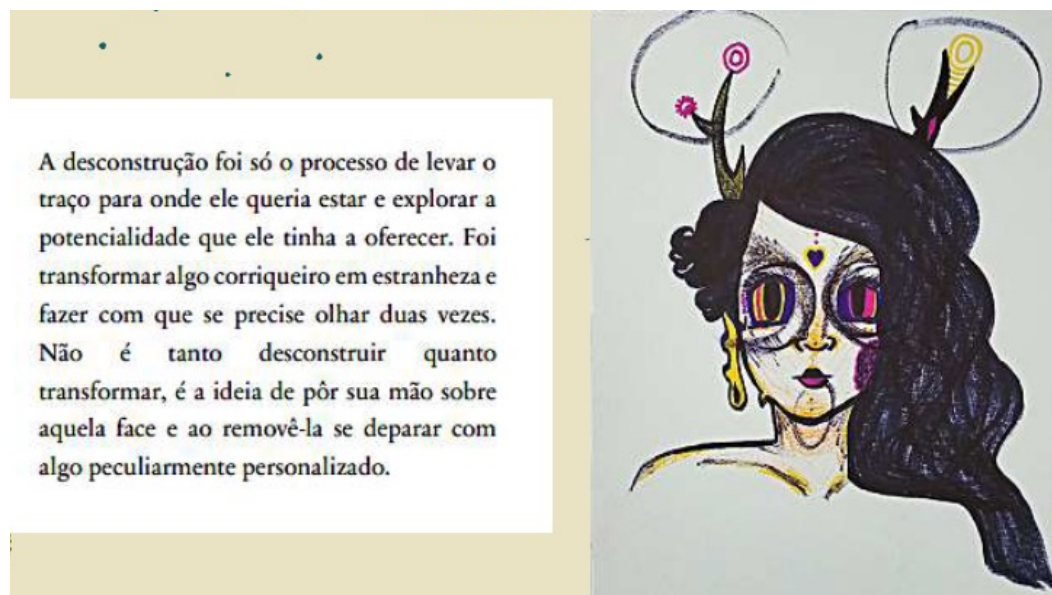
Arte de Bianca Rios  
Imagem de referência: @grikart\_macro



Antes mesmo de iniciar o desenho, fui tomada por inúmeras sensações. Ao ver o comando da atividade fiquei animada, reflexiva e até mesmo nostálgica. No mesmo momento chorei para pensar qual fora a última vez em que eu havia separado um tempo do meu dia para desenhar, usado lápis de cor e borracha. Assim, analisei o foto de minha vida cotidiana exigir apenas três cores de canetas esferográficas. Já quanto à experiência de desenhar, percebi que, entre as figuras da galeria, acabei me identificando mais com as fotos dos animais e que, ao iniciar a arte, o maior desafio era colocar no papel a gigantesca riqueza de detalhes, cores e formas que a natureza revelava.

Arte e escritos de Débora Tinoco  
Imagem de referência: @your\_best\_birds

Outra atividade foi o “Rosto ilustrado”. Trabalhamos aqui a construção e a desconstrução do desenho do rosto. Nesse encontro, eles deveriam escrever um texto, também de 55 palavras, sobre a desconstrução: se houve dificuldade em mexer na obra e quais os sentimentos que afloraram. Normalmente, trabalhamos a fragilidade e a mudança. Nesse momento, foi trazido para o grupo um trecho do livro “A Sociedade do Cansaço”, de Byu-Chu-Han (2017) sobre a pedagogia do ver, a discussão sobre a necessidade de contemplação, a desaceleração e, como isso, refletia em nosso autocuidado e no cuidado com o outro.



Arte e escritos de Bianca Rios

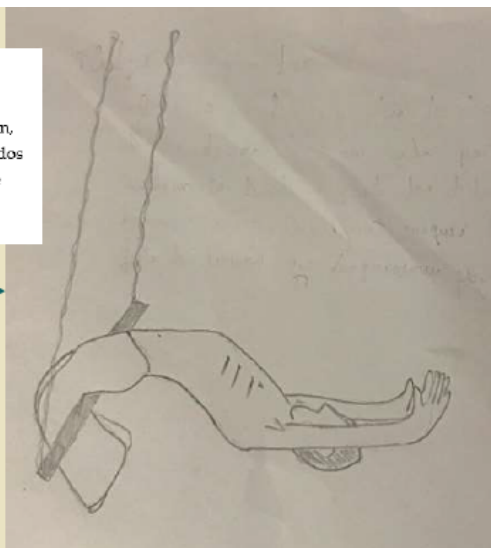
Trabalhamos também com o “Corpo em movimento” em que eles escolhiam um desenho para reproduzir. Deixamos claro que a reprodução não precisava ser fiel. Aqui era o momento de conversarmos sobre o autocuidado, sobre o que estava por trás do sintoma e o que eles viam ao olhar para um paciente. Que história se escondia ali? Aproveitamos para usar a narrativa gráfica “Memórias de um esclerosado”, de Rafael Correa (<https://www.ufsm.br/midias/arco/post332/>), para falar sobre doença, saúde e cuidado do ponto de vista do paciente, além das dores do médico e da empatia.

A imagem me atraiu instintivamente pela forma como evoca relaxamento. Talvez porque eu esteja sentindo muitas dores ultimamente, talvez porque tenho sentido falta de fazer ioga, a imagem me transportou facilmente para um local de alongamento e conforto que eu gostaria de estar vivenciando no momento. De uma forma ou de outra, essa postura faz refletir sobre o impressionante nível de controle corpóreo e de equilíbrio que o ser humano é capaz de atingir.



Arte e escritos de Bianca Rios

Ao mesmo tempo em que enxerguei algo mais objetivo relacionado ao alongamento e flexibilidade, foi possível analisar a subjetividade da imagem, que expressou fluidez e paz. Quase não risquei linhas retas, desde a ponta dos pés até os dedos das mãos. Assim, cada parte parte do corpo do desenho se deixou levar pelos movimentos e as curvas expressaram toda essa entrega.



Arte e escritos de Débora Tinoco

Outra atividade proposta para o grupo de estudantes foi uma leitura prévia do conto "Porta enferrujada" (LEE, 2018) e, no encontro síncrono, eles deveriam desenhar algo relacionado com o que mais chamou a atenção no conto para cada um; além disso, escrever um texto de 55 palavras sobre o desenho e sua motivação. Esse conto aborda o internamento e a experiência de adoecer de um homem. A discussão unindo o conto, o desenho e o texto produzido abre espaço para falar de empatia, de histórias de adoecimentos, de sistema de saúde e de prática médica. Ninguém saiu ileso dessa experiência! Nem as professoras...



A ferrugem é um processo natural. É possível tentar ao máximo se proteger de alguns agentes da oxidação, mas não há como evitar o ar e as gotículas de água em suspensão na atmosfera. Assim, o ambiente externo é de fato indomável e é necessário, em muitos momentos, se curvar à ação das situações externas as quais não podemos controlar. Que possamos estar dispostos a cuidar de cada ferrugem com amor.

Arte e escritos de Débora Tinoco



Uma porta enferrujada é uma analogia estranha, que eu não consigo trazer para mim intuitivamente. Mas, se é para fazer o paralelo, diria que é a minha confiança (?). Ela funciona, dá suporte quando convocada com taxa de 40-70% de sucesso, mas nos momentos em que emperra, e aqui não falo de momentos em que é esperado emperrar, mas sim em momentos que deveriam ter fluxo natural de segurança, é algo como um travamento desapontador, tanto quanto um erro pelo excesso de confiança também pode desapontar.

Arte e escritos de Bianca Rios

Enfim, chegamos ao momento de cada um falar de si, da identidade médica com o conto de Fernando Namora (ROCHA, 2012). Eles liam o conto previamente e, na aula, faziam um desenho simbólico de si ou do que o conto evocou. Aqui surgiram as inseguranças, os medos, as expectativas de ser médico/a. Em todos os encontros, as relações entre o que era lido, desenhado, escrito com as vivências

da vida de estudante de Medicina no internato eram representadas por meio de formas que eles achavam surpreendentes, pois eram inesperadas no formato com que surgiam e o estranhamento suscitava a reflexão sobre o que é ser médico/a, sobre o ser médico/a.

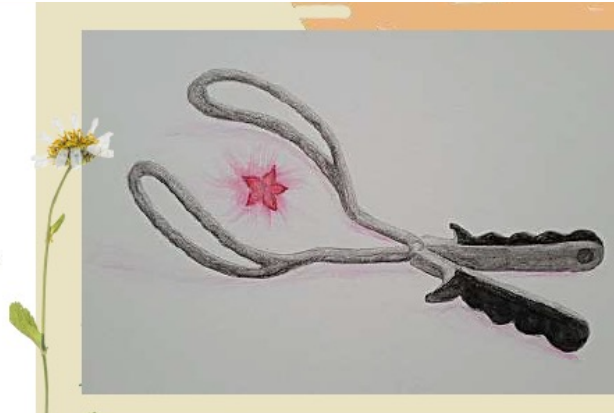
A mulher prenha chama  
A parteira chama  
O pai clama  
Busca-se o doutor

O doutor se angustia  
O pai se angustia  
A parteira enfia  
Sobra à gestante dor

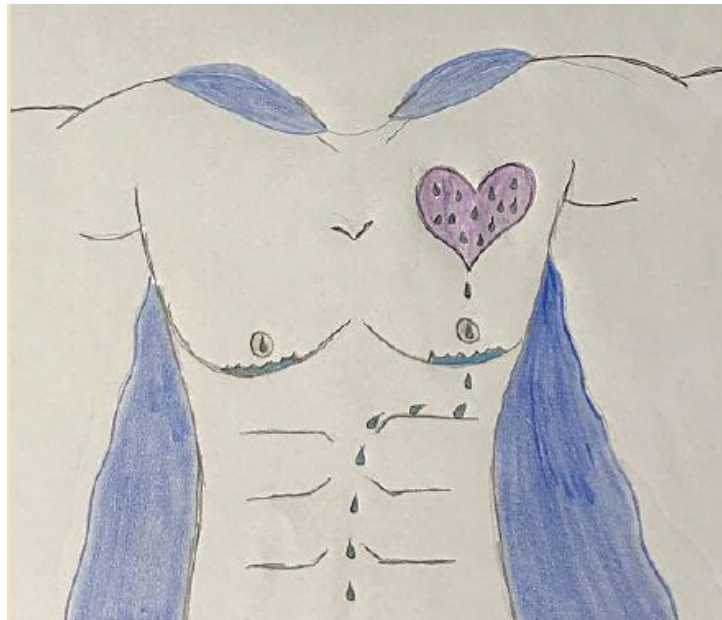
“Tragam-me os ferros”  
“Buscarei os ferros”  
A mulher aos berros  
Vai perdendo a cor

O instrumento surge  
A coragem surge  
O feto urge  
Nasce como flor

O bebê está bem  
A mãe está bem  
Não o teria feito sem  
Os bons ferros, o doutor



Arte e escritos de Bianca Rios



Arte de Débora Tinoco

Depois desse percurso, pedimos que eles lessem, previamente, um trecho do livro “Morrer é uma festa”, de Ana Cláudia Quintana Arantes (2019), sobre os quatro elementos e a morte. Depois de tudo o que discutimos até aqui, a morte

e o morrer foram convidados para a reflexão. Foi feito um desenho sobre o que chamou mais a atenção no texto, revelando a relação com o elemento que mais tocou o discente (ar, água, fogo ou terra). Logo depois, um texto de 55 palavras foi produzido. Falar sobre a morte, sobre os sentimentos que ela evoca, sobre a concepção que se tem sobre ela, flui como água corrente, vento que sopra, fogo que consome ou terra que absorve. E a morte foi acolhida na roda.



Arte e escritos de Débora Tinoco



Arte e escritos de Bianca Rios

Nesse caminho, chegamos ao uso da aquarela e abordamos o controle, a fluidez e a rigidez na vida. E aqui, quem nos ajudou a refletir foi um trecho do livro "A água e os sonhos", de Bachelard (1997). A aquarela presume entrega, compromisso, atenção, mas também total falta de controle. Água e pigmentos ditam o processo e



nós seguimos trabalhando a leveza dos traços e as possíveis frustrações: qualidades essenciais na incerteza da vida, essenciais na formação médica.

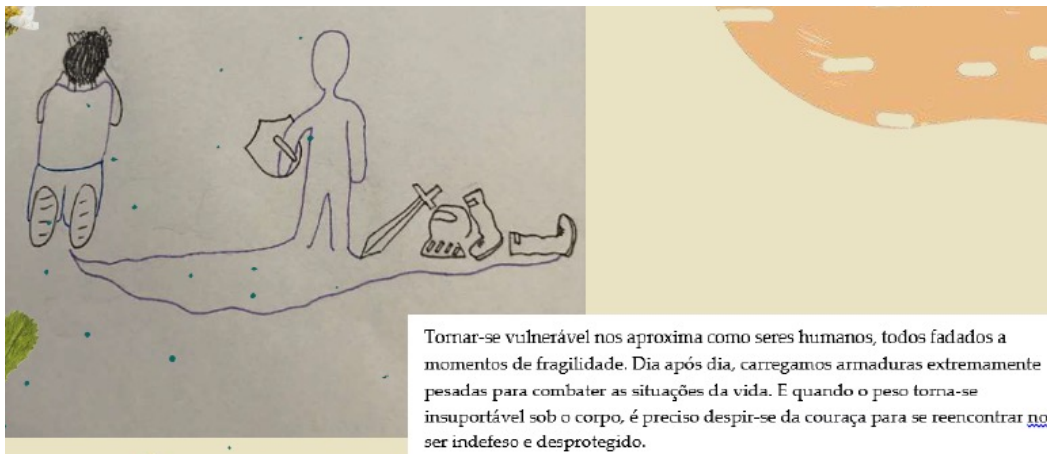


Arte e escritos de Bianca Rios



Arte de Débora Tinoco

Finalmente, na última aula, fechamos com Nise da Silveira (2001) e com Guimarães Rosa (2008). Falamos da loucura, da saúde mental, do imaginário e do real. A abordagem da doença mental vista pelo olhar da arte. Nise, com a Casa das Palmeiras e o Museu do Inconsciente, nos mostra que existe uma forma humana de se relacionar com o transtorno mental por meio das imagens, da arte. Guimarães Rosa, pelo conto "Soroco, sua mãe e sua filha", nos ajuda a compreender e acolher a dor e a solidão que podem acompanhar as famílias em situações como essa e a importância da rede de suporte. Nesse momento, a discussão se amplia para a saúde mental.



Arte e escritos de Débora Tinoco



# 04

**CONSIDERAÇÕES  
FINAIS**

# 04

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos descrever um processo de inclusão da arte na formação médica, especialmente no internato, este momento de transição no qual o aluno, quase médico, prepara-se para a sua prática no mundo. Momento difícil, de dúvidas, incertezas, inseguranças, quando a exposição à realidade fica cada vez mais intensa e dura nos plantões de emergência, de enfermaria, de UTI, momento no qual trazer a arte pode ser o caminho de encontro com a suavidade, consigo mesmo, com o outro e, assim, prosseguir com um olhar mais empático e reflexivo sobre o paciente e a vida.

Esperamos que aqueles que tiverem acesso a este livro possam apreciar a beleza do caminho, entrever as estratégias utilizadas e, principalmente, mergulhar nas imagens e nos textos produzidos por esses estudantes tão corajosos, que optaram por saltar conosco nessa experiência.



# 05



## *REFERÊNCIAS*

# 05

## REFERÊNCIAS

1. PHILIPPINI, A. Linguagens e materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2018.
2. ATIHÉ, E.B.A. Uma educação para a alma: literatura e imagem arquetípica. Porto, Maria do Rosário Silveira. 2006, 341p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21062007-114845/publico/TeseElianaBragaAtihe.pdf>. Acesso em: 14 jul.2022.
3. HILLMAN, J. Anima: anatomia de uma noção personificada. São Paulo: Cultrix, 1985.
4. ZANONI, A. P.; SERBENA, C. A. A psicopatologia como uma experiência da alma. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 14, n. 3, p. 485-498, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142011000300006>. Acesso em: 14 jul.2022.
5. BACHELARD, G. Apoiética do devaneio. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018, 205p.
6. AYRES, J. R. de C. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. Saúde e Sociedade. v.13, n.3, p.16-29, set-dez, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nvGMcCJJmpSSRjsGLhH8fmh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jul.2022.
7. CHARON, R. Narrative medicine: honoring the stories of illness. New York: Oxford University Press; 2006. 266p.
8. CHARON, R.; DASGUPTA, S.; HERMANN, N, et al. The principles and practice of narrative medicine. New York: Oxford University Press; 2017. 347p.
9. BOONE, A. At the crossroads of arts and medicine: a conversation with Dr. Rita Charon. Disponível em: <https://www.arts.gov/stories/blog/2022/crossroads-arts-and-medicine-conversation-dr-rita-charon>. Acesso em: 14 jul.2022.

10. SOLOMON, A. 'Literature about medicine may be all that can save us'. 2016. Disponível em:<https://www.theguardian.com/books/2016/apr/22/literature-about-medicine-may-be-all-that-can-save-us>. Acesso em: 14 jul.2022.
11. SALLES, W. Paul Ricouer e a hermenêutica de si no espelho das palavras. Utopia y PraxisLatinoamericana. v.14 n.47 Maracaibo dic. 2009. Disponível em:[http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1315-52162009000400004](http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-52162009000400004). Acesso em: 22 abr.2022.
12. DESHPANDE, S.R. Fifty-five word stories: A unique form for reflection and creative expression in medical humanities. Med J DY Patil Vidyapeeth. Disponível em:<https://www.mjdrdypv.org/preprintarticle.asp?id=335331>. Acesso em: 22 maio 2022.
13. HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Ênio Paulo Giachini. 2. ed ampl. Petrópolis: Vozes, 2017.
14. CORRÊA, R. Memórias de um esclerosado. Revista Arco. Disponível em:<https://www.ufsm.br/midias/arco/post332/>Acesso em: 22 maio 2022.
15. LEE, T. A porta enferrujada. In: Isabel FERNANDES, I.; et al. Contar (com) a medicina. 3. ed Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, 2018.
16. ROCHA, C. A caneta que escreve e a que prescreve. Doença e medicina na literatura portuguesa. Lisboa: Verbo, 2012. Disponível em:<https://journals.openedition.org/cultura/2124>. Acesso em: 22 maio 2022.
17. ARANTES, A.C.Q. A morte é um dia que vale a pena viver. Alfragide, Portugal: Oficina do livro; 2019. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/jcsc/a/cP6tQ5KzBVKdgjBYwxZJxGN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2022.
18. BACHELARD, G. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em:<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-c3a1gua-e-os-sonhos.pdf> Acesso em: 22 maio 2022.
19. SILVEIRA, N. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 2001, 165p. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/silveira-nise-o-mundo-das-imagens-texto.pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.
20. ROSA, J. G. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: \_\_\_\_\_. "Primeiras estórias". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.